

# CADEIAS PRODUTIVAS DO AÇÚCAR DO ESTADO DE SÃO PAULO E DA FRANÇA: comparação dos sistemas produtivos, organização, estratégias e ambiente institucional

Taís Mahalem do Amaral<sup>1</sup>

Marcos Fava Neves<sup>2</sup>

Márcia A. Dias de Moraes<sup>3</sup>

**RESUMO:** O objetivo central deste artigo é realizar uma análise comparativa das cadeias produtivas do açúcar de São Paulo e da França, tendo como base analítica a Teoria da Organização Industrial e a Economia dos Custos de Transação. Com relação ao setor de matéria-prima, o artigo busca identificar suas fontes, a área cultivada, os rendimentos e a quantidade de produtores da França e do Estado de São Paulo. No âmbito da indústria, o trabalho identifica para as duas regiões: a quantidade de agroindústrias processadoras, suas capacidades, a formação dos grupos de produção, sua composição e participação. Comparam-se também as transações entre o setor agrícola e a agroindústria, e os aspectos do ambiente institucional do setor, principalmente aqueles ligados à intervenção do Estado, referentes à formação de preços e cotas de produção. Além disso, faz-se uma breve análise dos processos recentes de fusões, internacionalizações e alianças estratégicas entre empresas brasileiras e francesas.

**Palavras-chave:** açúcar, cana-de-açúcar, beterraba, comercialização, transações.

## SUGAR PRODUCTION CHAINS IN SÃO PAULO STATE AND FRANCE: a comparison of the production systems, organizational settings, strategies and institutional environments

**ABSTRACT:** The main objective of this article is to make a comparative analysis of the sugar agrochains of São Paulo State and France, using as its analytical basis the Theory of the Industrial Organization and the Transaction Costs Economics. Regarding the raw material production, the article investigates its source, cultivated area, revenues, and the quantity of producers in both regions. As for the scope of the industry, the work identifies the number of the sugar mills and their capacities, as well as the formation of the production groups, their composition and market share. Also compared were the existing transactions between raw producers and industries, and aspects of the institutional environment, mainly those linked to the State intervention and relative to price formation and production quotas. Finally, a brief analysis was made of the recent processes of mergers, acquisitions, internationalizations, and strategic alliances among Brazilian and French companies.

**Key-words:** sugar, sugar cane, beet root, commercialization, transactions.

**JEL Classification:** D21, D74, L23.

---

<sup>1</sup>Administradora de Empresas, Coordenadora de Marketing da Livraria Cultura (e-mail: tais@livrariacultura.com.br).

<sup>2</sup>Engenheiro Agrônomo, Doutor, Professor de Marketing e Estratégia da FEARP/USP (e-mail: www.fearp.usp.br/fava).

<sup>3</sup>Engenheira Mecânica, Doutora, Professora do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da ESALQ/USP (e-mail: mafdmora@esalq.usp.br).

## 1 - INTRODUÇÃO

Neste artigo pretende-se comparar as cadeias produtivas do açúcar da França e do Brasil (mais especificamente a do Estado de São Paulo, que é responsável por aproximadamente 60% do total da cana-de-açúcar moída no País, 64% do açúcar produzido e 62% do álcool). A escolha destes países deve-se ao fato que ambos são importantes produtores mundiais: o Brasil é o maior produtor de açúcar de cana do mundo (seguido por Índia e Austrália) e também o maior exportador mundial de açúcar, detendo aproximadamente 30% do mercado internacional. Considerando-se a produção de açúcar a partir de beterraba, tem-se a União Européia como segundo maior produtor mundial deste produto, sendo que a França, por sua vez, é o primeiro produtor mundial de açúcar de beterraba e o primeiro produtor de açúcar da União Européia, quando considerada a produção do açúcar a partir da cana-de-açúcar vinda das Regiões do *Outre-mer* (LESUCRE, 2002).

Verifica-se em muitos países da Europa (principalmente na França), nos Estados Unidos, China, Rússia, entre outros, a existência de diversas formas de intervenção no mercado de açúcar, seja via financiamento à produção, barreiras à importação e até subsídios à exportação, visando permitir que os produtos de países de custos de produção mais altos consigam competir no mercado internacional.

Esses fatos fazem com que o açúcar hoje seja um dos produtos mais protegidos do mundo, e embora as exportações nacionais tenham crescido nos últimos anos, o protecionismo existente prejudica o crescimento da produção e exportação nacionais, visto que na ausência de barreiras protecionistas o País poderia ampliar suas exportações e conquistar outros mercados potenciais.

Esta política protecionista da União Européia (UE) vem sendo questionada na Organização Mundial do Comércio (OMC) pelo Brasil conjuntamente com outros países exportadores de açúcar. A percepção de que em algum momento o nível de subsídios praticados pela UE terá que ser reduzido, além do objetivo de ampliar o negócio em locais com custos de produção

menores, tem motivado a formação de alianças estratégicas, fusões e aquisições entre as grandes operadoras francesas e comercializadoras de açúcar e as usinas da Região Centro-Sul do Brasil, principalmente do Estado de São Paulo. Como exemplo, citam-se o grupo francês Louis Dreyfus, que adquiriu duas usinas (Cresciumal e Luciânia); o Grupo franco italiano Béghin-Say, que comprou a usina Guarani (duas unidades); o grupo Cosan, nacional, que se associou ao francês Union SDA para a compra da usina Univalem, com participações de 47,5% cada um, tendo ainda um outro sócio francês minoritário (5%), o Sucden. A empresa suíça Glencore também entrou no mercado nacional através da aquisição da usina Portobello.

Dessa forma, um conhecimento maior da cadeia produtiva açucareira dessa importante região produtora da UE torna-se tema relevante de pesquisa.

## 2 - OBJETIVOS

O objetivo central deste estudo é a realização de uma análise comparativa de dois segmentos do Sistema Agroindustrial do açúcar: a produção de matéria-prima e o processamento industrial, do Estado de São Paulo e da França, tomando como base analítica a **Teoria da Organização Industrial** e a **Economia dos Custos de Transação**.

Com relação à etapa da produção da matéria-prima, o estudo busca destacar a sua origem, a área cultivada, os rendimentos e os aspectos da estrutura produtiva, como a quantidade de produtores na França e no Estado de São Paulo e a concentração de mercado. No âmbito da indústria, o trabalho procura identificar o número de unidades processadoras (usinas/destilarias), suas capacidades e os grupos de produção que atuam no setor e sua composição.

Pretende-se realizar uma análise comparativa avaliando as formas das transações entre a produção de matéria-prima e a agroindústria; levantar aspectos do ambiente institucional do setor, procurando identificar as principais políticas protecionistas existentes no mercado de açúcar; e aspectos da regula-

mentação estatal. Procura-se também analisar, brevemente, os processos recentes de fusões, internacionalizações e alianças estratégicas do setor. Os elos da cadeia produtiva que serão estudados são a produção agrícola e o setor industrial.

### 3 - METODOLOGIA E FERRAMENTAL TEÓRICO

A metodologia deste estudo incluiu a princípio um levantamento de dados secundários, na literatura nacional e internacional, em livros, teses, artigos, revistas e *sites* especializados sobre o setor açucareiro do Brasil e da França.

Em um segundo momento foi realizada uma pesquisa exploratória utilizando-se de entrevistas em profundidade que foram feitas com especialistas do assunto em instituições nacionais e francesas, ligadas ao setor estudado (ORPLANA, UNICA, COPER-SUCAR, SUCDEN, USDA e INRA/França).

A definição de pesquisa exploratória é dada por Malhotra (2001, p.106): *“um tipo de pesquisa que tem como principal objetivo o fornecimento de critérios sobre a situação-problema enfrentada pelo pesquisador e sua compreensão”*.

A utilização das entrevistas em profundidade se justifica, pois constitui um método de obtenção de dados qualitativos, proposta desta pesquisa. Caracterizam-se como entrevistas não-estruturadas, diretas, pessoais, em que um único respondente é testado por um entrevistador, para descobrir motivações, crenças, atitudes e sentimento sobre um determinado tópico (MALHOTRA, 2001).

Quanto ao ferramental teórico no qual a pesquisa foi embasada, destacam-se três abordagens principais: os Sistemas Agroindustriais, a Organização Industrial e a Economia dos Custos de Transação, expostos brevemente a seguir.

A análise de cadeias produtivas ou sistemas agroindustriais foi apresentado por Ray Goldberg, em 1957, na Universidade de Harvard, tendo evoluído bastante desde então. Os sistemas agroindustriais são definidos como uma seqüência de atividades,

que envolve desde os fornecedores de insumo de um produto específico, passando pelos produtores agrícolas, pelos processadores primários e as atividades de distribuição que o envolvem até atingir o consumidor final. Segundo Zylberstajn (2000), o conceito teve forte influência em autores e pesquisas de *agribusiness* no mundo todo, porque permite olhar os agentes do agronegócio de maneira encadeada, observando as relações existentes entre eles para a elaboração de um produto específico. Esse enfoque sistêmico é muito importante para o apoio à tomada de decisões corporativas.

Entende-se que um Sistema Agroindustrial (SAG) específico seja composto por firmas com distintos níveis de coordenação vertical. Entre elas são realizadas transações que podem se dar via mercado ou contratos (formais ou informais). As instituições (regras do jogo) estabelecem o ambiente no qual as transações ocorrem e interferem tanto na definição dos objetivos das organizações quanto nas estruturas de governança adotadas (FARINA; AZEVEDO; SAES, 1997).

Segundo Zylberstajn (2000) os elementos fundamentais para a descrição dos sistemas agroindustriais são: os agentes envolvidos, as relações entre eles, os setores, as organizações de apoio e o ambiente institucional. Dessa forma, o referencial em destaque é útil para o objetivo deste trabalho, pois ambiente institucional, principais agentes e relações entre eles são analisados para a cadeia produtiva do açúcar de São Paulo e da França.

Por sua vez, um importante aspecto analisado pela Organização Industrial é a existência de falhas de mercado nos elos da cadeia produtiva, que podem acarretar problemas distributivos ao longo dela, e que justificam a intervenção estatal, cuja natureza vai depender dos tipos de imperfeições existentes (MORAES, 2000). Dessa maneira, a teoria da Organização Industrial (OI) objetiva estudar as estruturas imperfeitas de mercado, seus padrões de concorrência e as implicações para a política pública e para as estratégias empresariais (SCHERER e ROSS, 1990). A aplicação dessa vertente da Microeconomia embasou a análise das questões distributivas nos dois elos da cadeia estudados, o setor produtor de matéria-

prima e o industrial, decorrentes das estruturas de mercados existentes.

O terceiro ferramental teórico utilizado na análise é a Economia dos Custos de Transação (ECT), que trabalha com o conceito de custos de transação, ou seja, os custos para se efetuar as trocas, que emergem devido à racionalidade limitada dos agentes, à incerteza e à informação imperfeita do ambiente econômico. Os custos de transação podem ser divididos em duas espécies: custos de coleta de informações e custos de negociação e estabelecimento de um contrato. Os custos de transação são custos não diretamente ligados à produção, mas que surgem à medida que os agentes se relacionam entre si e problemas de coordenação de suas ações emergem (FARINA; AZEVEDO; SAES, 1997).

A escolha entre os diversos modos de se governar uma transação, ou seja, entre as diferentes formas de governança, considera a decisão entre fazer (produzir o bem sob estrutura hierárquica e administração própria), comprar (usar o mercado), ou adotar formas híbridas entre estes dois extremos, predominando a forma mais eficiente, que é aquela que minimiza não somente os custos de produção, mas também os custos de transação envolvidos.

A tentativa de minimização destes custos explica os diferentes arranjos contratuais na cadeia, que cumprem a finalidade de coordenar as transações econômicas de maneira eficiente (FARINA; AZEVEDO; SAES, 1997). Também tem forte influência na forma de coordenação na cadeia produtiva fatores de especificidade dos ativos envolvidos; frequência e duração das transações; complexidade e incerteza quanto aos resultados; dificuldade de mensuração do desempenho e das instituições (FARINA; AZEVEDO; SAES, 1997 e VIAN, 2002).

A especificidade dos ativos refere-se *“ao grau no qual o ativo pode ser reempregado em usos alternativos e por usuários alternativos sem sacrifício de seu valor”* (WILLIAMSON, 1996, p.105), ou seja, é o quanto aquele investimento é específico para aquela transação e qual o custo envolvido em sua realocação. Ativos específicos são reempregados com perda de valor.

Conforme se aumenta o nível de especificidade dos ativos, maior a dependência entre as partes, impondo riscos adicionais e aumento dos custos no processo de renegociação, aumentando, dessa forma, os custos de transação. Nestes casos, o uso do mercado torna-se ineficiente, privilegiando as relações hierárquicas.

Assim, o nível de especificidade de ativos pode criar uma dependência bilateral entre os agentes, impondo riscos adicionais nos contratos. Por sua vez, ativos não específicos têm facilidade de aplicação alternativa: neste caso não existe dependência entre os agentes da transação e o uso do mercado torna-se eficiente.

Os ganhos advindos da escolha das estruturas de governança mais eficientes podem ser considerados como ganhos de eficiência tão importantes quanto os tecnológicos. Os contratos não convencionais (integração vertical, franquias, dentre outros), passam a ser vistos como formas de aumentar a eficiência (enquanto redutoras dos custos de transação, na presença de especificidade de ativos importantes), e não somente como aumento de poder de monopólio, abrandando-se as restrições existentes na legislação antitruste.

A Economia dos Custos de Transação permite analisar as formas como os agentes econômicos organizam suas transações - desde as alianças estratégicas entre os grandes grupos até as relações envolvendo pequenos e médios participantes da cadeia produtiva - considerando fatores relacionados aos ativos envolvidos na transação. A aplicação deste ferramental neste artigo embasou a análise das formas de comercialização da cana-de-açúcar no Brasil.

## 4 - RESULTADOS

### 4.1 - Caracterização das Cadeias Produtivas do Açúcar do Estado de São Paulo e da França

O setor sucroalcooleiro do Brasil pode ser dividido em duas Regiões bastante distintas: Norte-

Nordeste<sup>4</sup> e Centro-Sul<sup>5</sup>, cujas vocações, estratégias e níveis de produtividade são bastante diferentes. Segundo a Secretaria de Produção, do Ministério da Agricultura (Disponível em: <[www.agricultura.gov.br](http://www.agricultura.gov.br)>), existem no Brasil 381 unidades produtoras de açúcar e de álcool, sendo que deste total, 276 (73%) estão localizadas na Região Centro-Sul, e as restantes 105 na Região Norte-Nordeste.

Na safra 2001/02 a produção de cana-de-açúcar no Brasil ocupou cerca de 5,1 milhões de hectares (IBGE), com uma quantidade aproximada de 292,3 milhões de toneladas de cana, que foram convertidas em 18,99 milhões de toneladas de açúcar e 11,47 bilhões de litros de álcool.

O Estado de São Paulo é o maior produtor de cana-de-açúcar, de açúcar e de álcool do Brasil, tendo 168 unidades (44% do total nacional). Na safra 2001/02 este Estado moeu 176 milhões de toneladas de cana (60% do total nacional), produziu aproximadamente 12 milhões de toneladas de açúcar (64% do total) e 7,1 bilhões de litros de álcool (62%).

Sabe-se que o Brasil possui o menor custo de produção de açúcar do mundo, não havendo nenhuma forma de incentivo à sua produção. Estima-se que o custo de produção do açúcar brasileiro seja ao redor de US\$180 por tonelada, sendo que em São Paulo eles são ainda menores, de US\$165 por tonelada. Na Austrália, que tem o segundo menor custo de produção do mundo, ele está em torno de US\$335 por tonelada, ou seja, quase o dobro do Brasil. Por sua vez, na União Européia como um todo os custos de produção médios atingem US\$710 por tonelada. Como os preços no mercado internacional de açúcar giram em torno de US\$225, as exportações da União Européia são feitas com elevados subsídios à exportação.

Por outro lado, a França, que é a sétima produtora individual de açúcar do mundo, depois do Brasil, Índia, China, EUA, Austrália e México, é a pri-

<sup>4</sup>Os seguintes Estados fazem parte da Região Norte-Nordeste: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Pará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe e Tocantins.

<sup>5</sup>Da Região Centro-Sul fazem parte os Estados: São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Rio Grande do Sul.

meira produtora mundial de açúcar de beterraba, estando à frente da Alemanha e dos Estados Unidos. Além de dispor de características importantes para a cultura de beterraba, como o *know-how* dos agricultores, na França os progressos da economia açucareira foram sustentados por uma melhoria dos rendimentos, os mais elevados da União Européia (CENTRE, 2002).

A indústria açucareira francesa compreende dois setores de atividades: a usina de açúcar de beterraba metropolitana e as refinarias e usinas de cana-de-açúcar das regiões do *Outre-mer*, que são formados pelas Regiões da Reunião no Oceano Índico e de Guadalupe e Martinica nas Antilhas. O regulamento europeu fixou cotas de produção a essas três regiões do *Outre-mer* que representam, atualmente, 5% da produção total de açúcar francesa<sup>6</sup>.

Existem 12 regiões situadas ao norte da região do *Loire* que representam, aproximadamente, 86% da área plantada de beterraba destinada à produção de açúcar. A mais importante dessas regiões foi, em 1999, a região de *Aisne*, que representou mais de 71.000 hectares de plantação de beterraba, seguida pela região de *Marne* com 54.323 hectares.

#### 4.1. 1 - Produção matéria-prima

##### - Tipo de matéria-prima

Primeiramente, deve-se destacar que a matéria-prima utilizada no Brasil e na França difere bastante, pois no primeiro País, a produção de açúcar é feita exclusivamente a partir da cana-de-açúcar, enquanto no segundo, a produção do açúcar é feita majoritariamente a partir da beterraba, com uma pequena participação da cana-de-açúcar cultivada pelas regiões *d'Outre Mer* (DOM).

Além disso, o destino da matéria-prima também é diferente entre os dois países: na França produz-se em escala industrial somente açúcar, enquanto no Brasil a cana-de-açúcar é processada tanto para

<sup>6</sup>Informações retiradas do site francês: <[www.lesucre.com/site/saga.php?rubr=2](http://www.lesucre.com/site/saga.php?rubr=2)>.

a fabricação de açúcar como para álcool, sendo que a cana-de-açúcar é destinada a cada um dos produtos em proporções relativamente equilibradas ao longo do tempo.

#### - Número de produtores

No Brasil, das 292,3 milhões de toneladas de cana-de-açúcar moídas na safra 2001/02, os fornecedores foram responsáveis por aproximadamente 27% do total. É interessante observar que a participação da cana de fornecedores em relação a outras formas de compra de matéria-prima (arrendamentos, cana própria da usina, etc.) mudou bastante ao longo do tempo, já que nos anos 70s os fornecedores eram responsáveis por mais de 70% da cana moída no País.

No Estado de São Paulo, segundo dados da Organização dos Plantadores de Cana do Estado de São Paulo (ORPLANA, 2002) existiam na safra 2001/02 aproximadamente 11.200 fornecedores de cana-de-açúcar para as indústrias processadoras do Estado, totalizando ao redor de 43 milhões de toneladas de cana entregue para processamento, que representaram 24,4% do total da cana moída no Estado de São Paulo na referida safra (176 milhões de toneladas).

Quanto ao tamanho dos fornecedores do Estado de São Paulo, observa-se que aproximadamente 80% deles são pequenos (entregam até 4.000 toneladas de cana anuais); 11,4% são médios (até 10.000 toneladas anuais); e os grandes fornecedores representam apenas 7,6% do total (Tabela 1). Os grandes fornecedores, embora representem parcela pequena da população, são responsáveis por aproximadamente 57,6% da cana produzida.

A estrutura de mercado pulverizada, encontrada na produção de cana-de-açúcar, faz emergir a preocupação com as questões distributivas ao longo da cadeia produtiva, já que o setor industrial apresenta-se mais concentrado e portanto com maior poder de barganha<sup>7</sup>. Deve-se notar que os 80% dos

<sup>7</sup>É importante observar que dentro do Estado de São Paulo existem diferenças conforme o mercado relevante considerado, por exemplo, a região de Piracicaba e Ribeirão Preto. Para mais detalhes ver: PESSINI, M. M. O.; MORAES, M. A. F. D. *Agroindústria canavieira de Ribeirão Preto e Piracicaba: estudo comparativo sob a ótica do paradigma estrutura-conduta-desempenho*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 61., Juiz de Fora, MG, 2003. *Anais...* Brasília: SOBER, 2003.

pequenos fornecedores, que individualmente podem não representar parcela importante da cana-de-açúcar da unidade industrial compradora deste produto, podem ter seu poder de barganha aumentado e obterem vantagem se negociarem conjuntamente. Nesse sentido, a participação em cooperativas e associações de fornecedores torna-se forma importante de redução de assimetria de informação, bem como facilita a coordenação para negociações conjuntas.

Por sua vez, na França, segundo o Centro de Estudos e Documentação do Açúcar (CENTRE, 2002), existem atualmente 35.000 produtores de beterraba açucareira, que produzem cerca de 27,3 milhões de toneladas de beterraba, em uma área de aproximadamente 2,5% das terras agricultáveis francesas.

#### - Área plantada, produção de matéria-prima e rendimentos

Os rendimentos agrícolas das culturas de cana-de-açúcar do Brasil e de beterraba da França apresentam valores próximos, o que mostra alta produtividade delas nos dois países (Tabela 2). A produtividade agrícola média no período analisado, para ambos os países, é próxima a 68 toneladas de matéria-prima por hectare.

Ao se considerar a produtividade em termos de tonelada de açúcar por hectare, para a safra 2000/01, concluiu-se que a produtividade francesa é maior que a brasileira: enquanto no Brasil ela foi de aproximadamente 6,5 toneladas de açúcar por hectare, na França a produtividade alcançou 10,5 toneladas de açúcar por hectare<sup>8</sup>.

<sup>8</sup>Nessa safra, a produção de açúcar francesa foi de 4,49 milhões de toneladas, em uma área de 429 mil ha; no Brasil, produziram-se 16 milhões de toneladas de açúcar em uma área de 2,46 milhões de ha (considerou-se que da área total plantada com cana-de-açúcar - 4,97 milhões de ha -, metade destinou-se à produção de açúcar e a outra metade à produção de álcool).

**Tabela 1** - Número de Produtores e Total de Cana-de-açúcar por Estrato, Estado de São Paulo, Safra 2001/02

Estrato de produção (t)	Produtores (n.)	Total (%)	Produção de cana (t/ano)	Total (%)
Menor que 200	1.331	11,9	154.491	0,4
De 201 a 800	3.254	29,1	1.535.115	3,6
De 801 a 4.000	4.449	39,7	8.523.367	19,8
De 4.001 a 10.000	1.277	11,4	8.086.819	18,7
Acima de 10.001	845	7,6	24.852.058	57,6
<b>Total</b>	<b>11.199</b>	<b>100</b>	<b>43.151.850</b>	<b>100</b>

Fonte: Elaborada a partir de dados da Organização (2002).

**Tabela 2** - Comparação de Área Plantada, Produção de Açúcar e Rendimentos entre Brasil e França, 1995 a 2001 (em hectare)

Item	Brasil (cana-de-açúcar)						
	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
Área colhida (mil ha)	4.559	4.750	4.814	4.985,8	4.898,8	4.846	4.973
Produção de cana (milhão de t)	303,7	317	331,6	345	333,8	327,7	345,9
Rendimento (t/ha)	66,61	66,75	68,88	69,24	68,14	67,62	69,56
Item	França (beterraba)						
	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
Área colhida (mil ha)	458	460	462	456	443,8	410	429
Produção de beterraba (milhões t)	30,5	31,2	34,4	31,1	32,9	31,1	26,8
Rendimento (t/h)	66,74	67,85	74,39	68,32	74,17	75,92	62,57

Fonte: FAO (2002).

Contudo, a produção brasileira tem uma competitividade maior, devido aos custos de produção. Deve-se lembrar que os custos de produção de açúcar do Brasil são aproximadamente um terço do custo de produção da União Européia, porque o processo de produção de açúcar a partir de beterraba tem custo maior.

#### - Produção de açúcar

A relevância do agronegócio sucroalcooleiro no Brasil é nítida, pois representa 8% do Produto Interno Bruto (PIB) agrícola nacional e 35% do PIB agrícola paulista. A importância sócio-econômica da atividade também é grande, abrangendo 350 municípios do Estado de São Paulo.

Existem atualmente 168 unidades processadoras de cana-de-açúcar no Estado de São Paulo cadas-

tradas na Secretaria de Produção do Ministério da Agricultura, das quais a grande maioria está apta para a produção de açúcar ou de álcool. Na safra 2001/02 foram moídas nesse Estado aproximadamente 176 milhões de toneladas de cana-de-açúcar (sendo que a agroindústria foi responsável pela produção de 133 milhões de toneladas - 75,6% da cana-de-açúcar produzida -, através de plantação em terras próprias, arrendamentos, etc.), produzidos 12,2 milhões de toneladas de açúcar e 7,1 bilhões de litros de álcool (Ministério da Agricultura). Na Região Centro-Sul a safra estende-se de maio de um ano a abril do ano seguinte, enquanto na Região Norte Nordeste a mesma safra inicia-se em setembro de um ano e vai até agosto do ano seguinte<sup>9</sup>. Esta caracte-

<sup>9</sup>Este período é flexível, sendo que na safra 2003/04 a produção na Região Centro-Sul iniciou-se em meados de abril de 2003 para atender a demanda do álcool combustível.

terística faz com que se produzam açúcar e álcool o ano todo no Brasil.

A cadeia produtiva da cana-de-açúcar brasileira gera 1,2 milhão de empregos diretos no País e 600 mil postos de trabalho no Estado de São Paulo, sendo o piso salarial, em média, 70% superior ao salário mínimo (ORGANIZAÇÃO, 2002).

#### - Grupos agroindustriais do setor açucareiro e sua composição

Na França existe um total de 40 empresas produtoras de açúcar, que produziram 4,4 milhões de toneladas na safra 2000/01, sendo 94% a partir de beterraba e 6% a partir de cana-de-açúcar. Do total de empresas, 35 usinas estão implantadas nas 16 regiões situadas no norte e nordeste do país, e produzem a partir de beterraba, e as cinco restantes localizam-se nas regiões *d'Outre Mer* (DOM) e utilizam a cana-de-açúcar como matéria-prima para processar aproximadamente 260 mil toneladas de cana-de-açúcar por ano (Tabela 3).

**Tabela 3** - Produção de Açúcar das Usinas das Regiões d'Outre Mer, Safra 2000/01

Região	Açúcar (t)	Usinas (n.)
Reunião	201.000	2
Guadalupe	55.961	2
Martinica	5.268	1
Total	262.300	5

Fonte: Centre (2002).

Vale ressaltar que duas usinas localizadas na região de Reunião produzem aproximadamente 76,6% do total do açúcar de cana da França.

Existem 17 empresas que exploram as 35 usinas implantadas sobre as regiões já destacadas. A distribuição da produção de açúcar francesa destas regiões, por empresa, pode ser identificada na tabela 4, na qual estão, também, relacionadas as empresas que fazem parte de cada um dos grandes grupos produtores e comercializadores de açúcar no país.

Os quatro maiores grupos franceses, em

2001, foram responsáveis por 65% da produção total de açúcar no país. Embora a estrutura de mercado da produção de açúcar seja bastante concentrada, existe um grande número de empresas médias e pequenas que formam uma franja competitiva. Além disso, o produto homogêneo, ou com baixa diferenciação, como é o caso do açúcar, faz com que o mercado possa ser considerado um oligopólio competitivo.

Geralmente implantadas nas proximidades dos locais de cultura de beterraba, as usinas francesas são verdadeiras agroindústrias que têm um papel importante dentro da área econômica e social rural do país. A indústria açucareira francesa emprega aproximadamente 10.000 pessoas das quais 7.000 indivíduos são permanentes e 3.000 temporários que trabalham durante o período de fabricação do açúcar.

Conseqüência direta de uma atividade sazonal, as usinas francesas trabalham durante os três últimos meses do ano, porém com um ritmo bastante elevado (até 2.400 horas em 100 dias, contra 1.920 horas por usina que trabalham 40 horas por semana durante um ano).

Quanto à capacidade de produção, nota-se que o número de usinas que produzem açúcar a partir de beterraba vem se reduzindo ao longo do tempo, passando de 50 em 1990/91 para 35 em 2002/01 (Tabela 5). Nota-se também que as usinas menores (até 12.000 toneladas por dia) reduziram drasticamente sua participação no mercado: enquanto em 1990/91 existiam 43 usinas pequenas, que eram responsáveis por 74% da produção, em 2002/01 as unidades pequenas, além de serem somente 20, passaram a produzir somente 16,6% do total. Provavelmente este fato decorre da busca de aumento da competitividade (através de ganhos de escala) em cenário de redução do protecionismo agrícola.

No Estado de São Paulo, as dez maiores unidades processadoras produziram na safra 2000/01 aproximadamente 2,52 milhões de toneladas de açúcar, o que representou aproximadamente 20% da produção da Região Centro-Sul (Tabela 6).

**Tabela 4 - Distribuição da Produção de Açúcar, por Empresa, França Metropolitana, 2000/01**

Grupo	Empresa	2000/01 (% no total)
Eridania Beghi-Say	-	22,7
Saint Louis Sucre	SLS e 50% da SNCS	20,6
Groupe SVI	SVI, Toury e SAFBA	10,9
Groupe CFS	-	11,0
Total	-	65,2
Cooperatives (FCB)	Cooperativas da FCB, SFS e 50% da SNCS	16,0
Groupe USDA	DAS, Sucrière de Bucy-le-Long e Artenay	11,8
SA (maioria de capital dos produtores)	-	2,6
Total	-	30,4
Outras organizações	-	4,4
Total geral	-	100

Fonte: Condeferation (2002).

**Tabela 5 - Capacidade Diária de Raspagem de Beterraba, França, 1990/91 e 2000/01  
(média das 3 melhores semanas consecutivas)**

Capacidade diária (t/dia)	Período 1990/91		Período 2000/01	
	Usinas (n.)	Capacidade global (mil t)	Usinas (n.)	Capacidade global (mil t)
5.000 a 8.000	26	144.454	7	37.600
8.000 a 12.000	17	171.257	13	130.800
12.000 a 15.000	3	42.136	5	64.900
mais de 15.000	4	68.945	10	178.600
Total	50	426.792	35	411.900
Capacidade média (t/dia)	-	8.536	-	11.769

Fonte: Centre (2002).

**Tabela 6 - Dez Maiores Unidades Processadoras de Cana da Região Centro-Sul, Brasil, 1992/93 e 2000/2001**

Unidade	Safra 1992/93		Safra 2000/01	
	Cana moída (mil t)	Açúcar produzido (mil t)	Cana moída (mil t)	Açúcar produzido (mil t)
1. Da Barra	6.286,08	357,62	4.930,16	341,24
2. São Martinho	5.532,10	285	5.313,58	416,64
3. Santa Elisa	4.003,15	201,03	5.074,65	375,52
4. São João	3.805,59	146,77	3.247,78	225,5
5. Barra Grande	3.580,40	207,24	3.086,61	176,21
6. São José	3.541,81	197,8	3.167,86	207,73
7. Bonfim	3.445,62	169,01	3.981,01	245,01
8. Santa Cruz	3.144,61	130	2.315,41	153,35
9. Costa Pinto	3.104,10	131,27	2.576,00	227,04
10. Iracema	2.940,64	108,36	2.150,43	151,92
Total	35.938,48	1.934,1	35.843,49	2.520,16
Total do Centro-Sul	176.218,40	6.188,42	207.099,10	12.635,94
% das dez maiores	20,39	31,25	17,31	19,94

Fonte: União (2002).

Embora a produção de açúcar do Estado de São Paulo não se caracterize como concentrada, deve-se notar que podem existir problemas distributivos ao longo da cadeia produtiva quando se considera o mercado relevante<sup>10</sup> para a cana-de-açúcar, cujas características de perecibilidade e altos custos de transporte delimitam regiões produtivas com um número bem menor de compradores deste produto, e, portanto, diferentes poder de barganha entre vendedores (cuja estrutura de produção é pulverizada) e compradores<sup>11</sup>.

Se se analisar a existência de grupos produtores<sup>12</sup>, os que detêm várias usinas, nota-se que a concentração da produção em São Paulo torna-se maior. Assim, verifica-se que 3 grandes grupos foram responsáveis por 63% de toda a cana moída no Estado e por 37,8% da produção de açúcar em 2001 (Tabela 7). Individualmente, o maior grupo é a COPERSUCAR, com 40,5% da cana plantada e 22,3% do total de açúcar produzido no Estado. Estes três grupos, no total, englobam 50 usinas, dentre as quais muitas delas fazem parte do grupo das 10 maiores do Estado de São Paulo.

## 4.2 - Ambiente Institucional: intervenção estatal

### 4.2.1 - Formação de preços e cotas de produção

Para regular seu mercado interno de açúcar, a União Européia estabeleceu um regime de cotas, juntamente com a criação de um protocolo de importação para apoiar a produção dos países mem-

<sup>10</sup>O mercado relevante é formado pelo conjunto de firmas que estão ofertando produtos que são substitutos próximos aos olhos dos potenciais compradores. Devem ser consideradas três dimensões: a dimensão geográfica (custos de transporte), a do produto (grau de substituição) e o tempo (perecibilidade).

<sup>11</sup>Principalmente para Piracicaba, importante região produtora, onde um só grupo detém 5 usinas da região (Costa Pinto, Santa Helena, São Francisco, Santo Antônio e Rafard).

<sup>12</sup>A rigor, a COPERSUCAR é uma cooperativa privada de produtores de cana-de-açúcar, de açúcar e de álcool, diferindo em seu funcionamento dos dois outros grupos. Contudo, para o propósito deste trabalho, considera-se não haver prejuízo em agrupá-los sob a mesma denominação.

bros. Em 1968, a União Européia instaurou o "Regulamento do Açúcar", no qual a última versão foi modificada em 1995 para ser colocada em conformidade com as obrigações internacionais impostas para a UE na Organização Mundial de Comércio (OMC). Este regulamento garante uma receita mínima aos produtores de beterraba, determina um preço estável para o açúcar e estabelece um regime de cotas de produção (A e B) para os Estados-Membros.

O sistema de cotas funciona da seguinte maneira: a cada Estado-Membro são atribuídos dois tipos de cotas (cota A e cota B), que se distinguem exclusivamente pela taxa de participação de estocagem do açúcar produzido sob esse regime. Somente o açúcar produzido sob o regime de cotas tem direito ao benefício dos mecanismos de apoio. Ao contrário, existe uma categoria de açúcar produzido sem regime de cotas (açúcar C), exclusivamente destinado a exportação sem restituição, cuja produção varia segundo os preços em vigor no mercado mundial. Para as safras 1995/96 até 2000/01, a quantidade anual autorizada de açúcar sob o regime de cotas foi fixada ao redor de 14,6 milhões de toneladas.

Com essas cotas de base, a UE satisfaz suas necessidades internas de açúcar, sendo que a produção excedente é escoada para o mercado mundial, com elevados subsídios à exportação.

Os mecanismos de apoio dos preços repousam sobre dois preços institucionais. O primeiro é chamado de "preço mínimo", e este é o preço que os produtores de açúcar compram a beterraba dos agricultores. Um preço de intervenção é igualmente previsto, dentro da hipótese de compra de uma produção de açúcar pelos organismos de intervenção. Na França, este organismo é o Fundo de Intervenção e de Regularização do Mercado de Açúcar (FIRS).

O principal objetivo do FIRS é não só apoiar as empresas açucareiras (fabricantes e negociantes) em relação às regras impostas pela OMC, como também apoiar as empresas que utilizam o açúcar em suas exportações sob a forma de frutas e legumes industrializados, ou então que incorporam o açúcar na sua

**Tabela 7 - Relação da Produção de Cana e de Açúcar dos Maiores Grupos do Estado de São Paulo, 2001**

Grupo	Produção cana		Produção açúcar	
	milhão t	% total	milhão t	% total
COPERSUCAR	60	40,5	3,6	22,3
COSAN	14,8	10	1,3	8
CRYSTALSEV	19	12,8	1,2	7,5
Os 3 maiores	93,8	63,3	6,1	37,8
Total	148,25	100,0	16,1	100,0

Fonte: Elaborada a partir de dados adquiridos nos websites das respectivas empresas (<www.copersucar.com.br>; <www.cosan.com.br>; <www.crystalsev.com.br>).

fabricação (algumas indústrias químicas e farmacêuticas). O montante gasto pelo FIRS nos últimos anos corresponde, aproximadamente, a 700 milhões de euros.

Para apoiar o desenvolvimento de um certo número de países da África, Caribe e do Pacífico e garantir suas receitas de exportação, a União Europeia se propõe a comprar, ao preço garantido para essas comunidades (ou seja, preço mais alto que o negociado no mercado mundial), aproximadamente 1,3 milhão de toneladas de açúcar, dentro do modelo do Protocolo que se renova periodicamente, conforme a Convenção de Cotonou, assinada em 2000 (Fonds d'Intervention et de Regularisation du Marché du Sucre, 2002).

No Brasil, por sua vez, desde fevereiro de 1999, com a desregulamentação do setor sucroalcooleiro, houve grande alteração no ambiente institucional, conforme detalhado em MORAES (2000). Dentre as modificações inclui-se a formação dos preços da cana-de-açúcar, de açúcar e do álcool, que a partir desta data são formados no mercado, pela interação entre oferta e demanda, sendo que o Governo não tem mais nenhuma interferência nos preços dos produtos.

No Estado de São Paulo, foi constituído, em meados de 1997, um grupo técnico e econômico, formado por representantes dos produtores de cana e dos industriais, com o objetivo de desenvolver um novo sistema para a remuneração da cana-de-açúcar (CONSECANA), e de apresentar regras mínimas para o relacionamento entre as partes, considerando que o Governo não mais estabeleceria os preços para a cana-de-açúcar a partir da desregulamentação do setor e que as especificidades da cana-de-açúcar dificultam sua comercialização no mercado. Dessa maneira, desde a safra 1999/00 o modelo CONSECANA vem sendo adotado na comercialização da cana-

de-açúcar em São Paulo, tendo se estendido para vários estados nas safras seguintes.

Conforme o modelo o preço da cana-de-açúcar passou a ser fixado com base no preço médio ponderado do Açúcar Total Recuperável (ATR), calculado a partir do preço do açúcar (mercado estadual interno e externo), do preço do álcool de todos os tipos (mercados estadual interno e externo), na condição PVU/PVD (livres de impostos), praticados durante todo o período da safra, e em função do *mix* de produção de cada unidade industrial. A determinação da quantidade de ATRs por tonelada de cana é determinada em função de fórmula paramétrica previamente estabelecida (que considera parâmetros de qualidade da cana, como pureza, pol, etc.).

Portanto, existe uma grande diferença em relação à comercialização dos produtos entre as duas regiões: enquanto na França ainda existe uma grande intervenção do Estado, considerando as regras estabelecidas pela Política Agrícola Comum (PAC) da União Europeia, no Brasil desde 1999 os preços do açúcar e do álcool são formados pelo mercado, sendo que os da cana-de-açúcar são formados através das regras estabelecidas pelo CONSECANA. Da mesma forma, as quantidades produzidas no Brasil atualmente são livres, enquanto na França ainda prevalece a adoção do sistema de cotas.

### 4.3 - Transações entre o Setor Produção de Matéria-Prima e a Indústria Processadora

#### 4.3.1 - Brasil

A cana-de-açúcar possui características peculiares como: cultura de ciclo longo e sazonal (que re-

quer planejamento de longo prazo, com problemas de comercialização de curto prazo), perecibilidade (por não ser um produto armazenável, com época certa para ser colhida) e dificuldade para ser transportada a longas distâncias (o custo de transporte que inviabiliza transporte de longas distâncias, restringindo seu mercado).

Dessa forma, percebe-se que a especificidade de ativos envolvidos na transação da cana-de-açúcar é alta nos aspectos locacional (distância entre produtor e usina), físico (moendas de cana, tanques de armazenamento de álcool) e temporal (perecibilidade da cana e problemas de concentração do fornecimento de cana em determinadas épocas).

Com essas características, a utilização do mercado, conforme a Economia dos Custos de Transação, torna-se ineficiente, sendo que a melhor forma de transação da cana-de-açúcar entre produtores de cana e usinas são as que predominam no setor:

- Usinas que são donas das terras onde se planta cana através de sua estrutura gerencial, sob o seu comando decisório, caracterizando integração vertical (contrato de fornecimento entre os agentes).
- Arrendamentos de terras de produtores por usinas, constituindo cana onde a usina tem controle total, mas não é dona dos ativos envolvidos na produção (terras).
- Produtores especializados: são os produtores de cana especializados na atividade de produção (não realizam esmagamento), estando ligados "contratualmente" às usinas (NEVES; WAACK; MARINO, 1998).

Deve-se ressaltar que, além da questão da eficiência da utilização de formas hierárquicas decorrentes das especificidades de ativos, há um componente institucional importante para elucidar a questão da integração vertical entre as usinas e a produção agrícola. Conforme RAMOS (1991), a produção integrada pode ser explicada em larga medida pela forte intervenção estatal existente entre 1930 e 1990, incluindo a administração de preços e o sistema de cotas de produção administrado pelo Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA).

Esse autor salienta também que a estrutura de

produção integrada foi mantida e reforçada pelo PROÁLCOOL, já que a propriedade fundiária é que permitia o acesso ao financiamento Estatal e a aprovação das novas destilarias naquele programa. Nessa época, a orientação dada pela Comissão Executiva Nacional do Alcool (CENAL) era no sentido de os projetos apresentarem integração vertical entre a atividade agrícola e industrial para garantir o fornecimento de matéria-prima. No caso de a cana ser de fornecedores, os projetos deveriam prever o fornecimento da matéria-prima durante toda a vida útil dos equipamentos.

Fica claro, portanto, que embora não com a terminologia proposta por WILLIAMSON (1985), reconhecia-se também naquela época a especificidade da cana-de-açúcar e a conseqüente dependência da usina pela matéria-prima, exigindo-se que sua comercialização fosse feita através de forma hierárquica, no caso a integração vertical.

Em trabalho recente, Ramos (2002) ao comparar o período ainda sob intervenção estatal, 1985/86, com aquele pós-desregulamentação, ou seja, 1999/2000, afirma que não ocorreram alterações significativas na estrutura de produção do complexo. Portanto, ainda se privilegiam as relações hierárquicas no elo entre a produção de cana-de-açúcar e a indústria, o que do ponto de vista, dos autores deste trabalho, que mesmo com a mudança da forte intervenção no setor para um regime de "livre mercado", as especificidades da cana indicam que a transação via mercado não é a forma mais eficiente de comercializar este produto.

#### 4.3.2 - França

Na França, todas as transações entre os plantadores e os fabricantes de açúcar são extremamente formais. Devido ao fato de existir o regime de cotas e divisão de produção de açúcar de beterrabas em quantidade base A, B e C, as usinas devem, previamente, definir sua produção e acertarem em forma de contrato, a quantidade de beterrabas que irão comprar como também a quantidade de açúcar que irão produzir.

O Comitê Interprofissional dos Produtores de Açúcar (CIPS) é responsável pelos acordos entre os plantadores de beterraba e os fabricantes de açúcar, além da coordenação da comercialização de açúcar que fica fora das cotas (obrigatoriamente exportado para fora da União Européia).

O preço de intervenção do açúcar é determinado pelo Conselho a cada ano. Ele representa o preço mínimo garantido para que cada agência de intervenção nacional possa comprar todo o açúcar branco produzido dentro das cotas. Os açúcares A e B serão oferecidos quando os preços do mercado europeu estiverem abaixo do preço de intervenção. O preço de intervenção para o açúcar bruto é derivado do preço do açúcar branco, deduzindo uma correção de margem e peso que ocorrem durante o processamento desse açúcar.

Segundo o FIRS, o preço base da tonelada de beterraba (com 16% de riqueza em açúcar) em 2000 foi de 47,67 euros. O Preço de Intervenção do açúcar branco foi de 63,16 euros. Já o preço de intervenção do açúcar bruto foi de 52,37 euros cada 100kg. O quadro 1 traz algumas regras que estabelecem as relações de compra dos três tipos de cotas entre os plantadores e os fabricantes.

A tabela 8 faz uma síntese comparativa de alguns dados, anteriormente apresentados, entre a cadeia de açúcar no Brasil e na França.

Nota-se que na safra 2000/01 a produção brasileira de açúcar foi aproximadamente três vezes maior que a francesa, contudo o rendimento da produção francesa em toneladas de açúcar por hectare foi maior. O número de unidades produtoras no Estado de São Paulo também é muito superior ao da França. Em ambos os países nota-se a presença de grandes grupos produtores, que agregam diversas unidades industriais. Uma diferença importante refere-se à intervenção estatal no que se refere à fixação de preços, cotas de produção e subsídios: enquanto no Brasil atualmente ela é inexistente, na França (e em toda a União Européia) este setor ainda é fortemente regulamentado, com o Estado estabelecendo preços e cotas de produção.

#### 4.4 - Estratégias Empresarias

Uma importante tendência verificada no mercado de açúcar, tanto nacional como internacional, é a das fusões, aquisições e parcerias entre produtores, inclusive entre agentes de países diferentes. O processo de fusões e aquisições na agro-indústria açucareira do Brasil se caracteriza principalmente devido:

- Ao aumento da participação de grandes grupos locais como Grupo José Pessoa, Grupo Cosan, Carlos Lyra, entre outros;
- a entrada no mercado doméstico de um grande número de produtores de outros países, como o Grupo Louis Dreyfus, Béghin-Say, e as francesas SDA e Sucden;
- a concentração na Região Centro-Sul do Brasil, principalmente no Estado de São Paulo, onde os custos de produção são menores; e
- ao aumento no número de fusões e aquisições nos anos de 2000 e 2001, pós-desregulamentação do mercado.

Em se tratando de fusões e aquisições exclusivamente entre o Brasil e a França, seguem alguns exemplos.

- *Béghin-Say* - Fundada em 1821, na França, é resultado da fusão entre F. Béghin com a *Establishments Say*, formando a *Eridania Béghin-Say (EBS)*. Em abril de 2002, separou-se da EBS, ficando independente sob o nome de *Béghin-Say*. A empresa já demonstrou interesse no País em junho de 2001, ao adquirir a Açúcar Guarani S.A., que tem duas unidades produtoras nas cidades paulistas de Olímpia e Severínia.
- *Union DAS* - Fundada em 1999, com sede na França, através da fusão da *Sucreries et Destilleries de l'Aisne* e da *Sucrerie-Distillerie d'Artenay* formando esta cooperativa. Atua no Brasil desde novembro de 2000. A *Union DAS* tem experiência em aquisições, pois formaram com a *SucDen* e o grupo *Cosan* a *Franco Brasileira Açúcar e Álcool S.A. (FBA)*, que adquiriram a *Univalem* em abril de 2001, na qual a *SucDen* detém 5% de participa-

**Quadro 1 - Regras Vigentes na Compra de Beterraba por Cota, França, 2000**

Compra de beterraba	
Cota A	As cotas A são baseadas a partir dos níveis de produção históricos e são aproximadamente iguais aos níveis de consumo em cada Estado-Membro no momento em que as cotas foram implementadas. A quantidade de tonelada atribuída a cada usina é repartida entre todos os plantadores sob a forma de direitos A. Esses direitos devem ser notificados pelas usinas a cada plantador.
Cota B	As cotas B são estabelecidas de acordo com a média de produção eficiente dos Estados-Membros e que apresentam a possibilidade de expandirem suas produções, o que é chamado de "princípio da especialização". As cotas B representam um mínimo de 10% em relação às cotas A e representam uma média dos três melhores anos de 1975 a 1981.
Cota C	O açúcar produzido em excesso, ou seja, que ultrapassa a quantidade somada de cotas A e B (açúcar C), não pode ser vendido no mercado europeu doméstico e ele deverá ser comercializado no mercado mundial sem restituição de exportações dentro de um ano. Açúcares B e C podem ser guardados para serem comercializados no ano seguinte, porém com um limite máximo de até 20% em relação a cota A (açúcar "bloqueado").

Fonte: Elaborado a partir de dados de Centre (2002).

**Tabela 8 - Dados Comparativos entre Produção de Açúcar no Brasil e na França, Safra 2000/01**

Item	Brasil	França
Produção de açúcar	15,9 milhões t	4,49 milhões t
Preço do açúcar	US\$ 210 t	US\$ 600,00 t
Área colhida	4,84 milhões ha	410 mil ha
Produção	327,7 milhões t/cana	31 milhões t /beterraba
Rendimento	67,6 t/ha	75,9 t/ha
N. de usinas	133 (Estado SP)	35 + 5 (DOM) = 40
Grupos	4 Maiores - Copersucar - COSAN - Crystalsev - Grupo J. Pessoa	4 Maiores - Eridania Beghin-Say - Saint Louis Sucre - Groupe SVI - Groupe CFS
Intervenção Estado	Desregulamentado	Regulamentado
Formação de preços da matéria-prima	CONSECANA	FIRS (Protecionismo - PAC)

Fonte: Elaborada a partir de dados da pesquisa.

ção. Além disso, a FDA detém a Usina Gasa.

Entende-se que com a ampliação da União Européia (entrada dos países da Europa do Leste) as grandes empresas do setor açucareiro francês estejam agindo de maneira antecipativa, ou seja, estão desenvolvendo estratégias de fusões, aquisições e alianças, prevendo que a atual Política Agrícola Comum (PAC) não será capaz de continuar subsidiando a produção européia como vem fazendo. Por sua vez, as empresas brasileiras, operando em regime de livre mercado, procuram aumentar eficiência e escala de produção, o que motiva as aquisições, fusões e outros tipos de parcerias.

## 5 - CONCLUSÕES

Por ser de natureza exploratória e tendo como objetivo levantar aspectos de comparação entre a cadeia paulista de produção de açúcar e a francesa, o trabalho conta com diversas limitações. Porém, foi possível observar a grande diferença que existe entre a produção e a industrialização do açúcar na França e no Brasil.

Partindo da análise da origem da matéria-prima, verificou-se que enquanto no Brasil utiliza-se somente a cana-de-açúcar, na França a principal fonte é a beterraba. Em ambas as regiões verificou-se a existência de grandes grupos responsáveis pela

comercialização do açúcar, e uma tendência de concentração no setor, verificando-se inclusive produtores franceses estabelecendo-se no Brasil, via aquisições de empresas ou de associações com as nacionais. Se no Brasil este processo é motivado pelo aumento da eficiência e ganhos de escala, a vinda de empresas européias para o Brasil deve-se à percepção que os elevados subsídios existentes, apesar do forte *lobby* dos agricultores europeus, tendem em algum momento serem reduzidos, inviabilizando as exportações destas regiões.

Uma notável diferença entre as duas regiões refere-se à regulamentação do setor: enquanto no Brasil, desde 1999 opera-se em regime de livre mercado, na França ainda é grande a intervenção governamental, tanto no estabelecimento de cotas de produção e de exportação, quanto na fixação de preços e no fornecimento de subsídios à exportação.

Quanto às relações formais e informais entre produtores e fabricantes, pôde-se observar que os dois países estão buscando investir cada vez mais na melhoria de seus processos e no aumento de suas produtividades, sendo que na França ainda é forte a intervenção estatal na relação fornecedor-indústria, enquanto no Brasil o sistema (CONSECANA) é gerido totalmente pela iniciativa privada.

Ficam como sugestões para estudos futuros um aprofundamento no ambiente institucional francês e nos seus grupos de interesse, bem como a análise dos movimentos empresariais que estão levando a uma elevação da concentração no mercado mundial de açúcar. Além disso, sugere-se o estudo comparativo entre os custos de produção dos dois países; a comparação das relações existentes entre os outros agentes da cadeia produtiva do açúcar até o consumidor final; a análise aprofundada das razões reais do aumento do número de fusões e aquisições entre empresas francesas e brasileiras; e estudo dos contratos formais entre os produtores e as unidades processadoras (usinas).

## LITERATURA CITADA

CENTRE D'ÉTUDE ET DE DOCUMENTATION DU SUCRE – CEDUS. França, 2002.

CONFEDERATION GENERALE DES PLANTEURS DE BETTERAVE - CGB. Disponível em: <<http://www.2cgb-france.fr>>. Acesso em: 2002.

FARINA, E. M. M. Q.; AZEVEDO, P. F.; SAES, M. S. M. **Competitividade:** mercado, estado e organizações. São Paulo: Editora Singular/Fapesp/Pensa, 1997.

FAO. Faostat Database. Disponível em: <<http://www.fao.org>>. Acesso em: 2002.

FONDS D'INTERVENTION ET DE REGULARISATION DU MARCHÉ DU SACRE. Disponível em: <[www.firs.gouv.fr/](http://www.firs.gouv.fr/)>. Acesso em: 2002.

LE SUCRE. Disponível em: <<http://www.lesucre.com/site/saga.php?rubr=2>>. Acesso em: 2002.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing:** uma orientação aplicada. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MORAES, M. A. F. D. **A desregulamentação do setor sucroalcooleiro do Brasil.** Americana: Caminho Editorial, 2000. 238 p.

NEVES, M. F.; WAACK, R. S.; MARINO, M. K. **Sistema agroindustrial da cana-de-açúcar:** caracterização das transações entre empresas de insumos, produtores e usinas. CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 36., Poços de Caldas, M.G., 1998. **Anais...** Brasília: SOBER, 1998.

ORGANIZAÇÃO DOS PLANTADORES DE CANA DO ESTADO DE SÃO PAULO - ORPLANA. Disponível em: <<http://www.orplana.com.br>>. Acesso em: 2002.

RAMOS, P. **Agroindústria canavieira e propriedades fundiárias no Brasil.** São Paulo, 1991. 2v. Tese (Doutorado) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas.

\_\_\_\_\_. Heterogeneidade e integração produtiva na evolução recente da agroindústria canavieira do centro-sul (1985-2000). In: MORAES, M. A. F. D.; SHIKIDA, P. F. A. **Agroindústria canavieira no Brasil:** evolução, desenvolvimento e desafios. São Paulo: Atlas, 2002. cap.11, p. 242-262.

SCHERER, F. M.; ROSS, D. **Industrial market structure and economic performance.** USA: Houghton Mifflin Company, 1990.

UNIÃO DA AGROINDÚSTRIA CANAVIEIRA DE SÃO PAULO - ÚNICA. Disponível em: <<http://www.unica.com.br>>. Acesso em: 2002.

VIAN, C.E.F. **Inércia e mudança institucional:** estratégias competitivas do complexo agroindustrial canavieiro no centro-sul do Brasil. Campinas, 2002. Tese (Doutorado) - Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas.

WILLIAMSON, O. **The economic institutions of capitalism.** New York: The Free Press, 1985. 450 p.

\_\_\_\_\_. **The mechanisms of governance.** New York: Oxford University Press, 1996. 429p.

ZYLBERSZTAJN, D. Conceitos gerais, evolução e apresentação do sistema agroindustrial. In: \_\_\_\_\_; NEVES, M. F. (Orgs.) **Economia e gestão de negócios agroalimentares.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2000. 428 p.

---

Recebido em 06/06/2003. Liberado para publicação em 21/10/2003.